



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

WERIDIANA MARIA ALMEIDA ARAUJO SANTANA

**DIVERSIDADE EM SALA DE AULA: COMO O LÚDICO
FAVORECE O RESPEITO E A CONVIVÊNCIA**

PÓLO ALEXÂNIA

MARÇO, 2013

WERIDIANA MARIA ALMEIDA ARAUJO SANTANA

**DIVERSIDADE EM SALA DE AULA: COMO O LÚDICO
FAVORECE O RESPEITO E A CONVIVÊNCIA**

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da
Universidade de Brasília – UnB.

PÓLO ALEXÂNIA

MARÇO, 2013

SANTANA, Weridiana Maria Almeida Araújo. Diversidade em Sala de Aula: Como o Lúdico Favorece o Respeito e a Convivência. Brasília-DF, Março de 2013. 51 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB-UAB

DIVERSIDADE EM SALA DE AULA: COMO O LÚDICO FAVORECE O RESPEITO E A CONVIVÊNCIA

WERIDIANA MARIA ALMEIDA ARAUJO SANTANA

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE,
Universidade de Brasília – UnB.

Professor Orientador: José Zuchiwschi

Membros da Banca Examinadora:

a) Professora Patrícia Lima Martins Pederiva

b) Professora Sônia Cristina Hamid

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Antônio Lopes e Maria Vilma; ao meu esposo Fernando; aos meus filhos Pedro Arthur, Emanuel Cláudio e ao bebê que estou esperando; aos meus professores.

Todos contribuíram para a realização deste sonho.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao Senhor, que me conduziu pelos melhores caminhos.

Agradeço à minha mãe Maria Vilma e ao meu pai Antônio Lopes, que ensinaram-me o valor dos estudos e do trabalho.

Agradeço ao meu esposo Fernando, que teve paciência nas minhas ausências e momentos de dificuldades.

Agradeço aos meus filhos Pedro Arthur, Emanuel Cláudio e a este bebê que o Senhor chamou à vida a partir do meu ventre, que são os maiores motivos de minha vontade de desenvolvimento pessoal e profissional.

Agradeço a todos os meus professores pelos ensinamentos e, em especial, agradeço aos meus orientadores, que, com os seus trabalhos e paciência, ajudaram-me na composição desse trabalho.

RESUMO

Neste trabalho, é utilizada como referência a definição de diversidade defendida por Reinaldo Bulgarelli (2011) no seu artigo “Inclusão e Diversidade”: “Diversidade é o conjunto de diferenças e semelhanças que nos caracterizam, não apenas as diferenças”. A partir desse conceito, aprendemos que a diversidade é uma característica de todos nós e não apenas de alguns diferentes. Por sua vez, a sala de aula é lugar privilegiado da diversidade.

Considerando o entendimento da diversidade e, a partir da mesma, da necessária realização da inclusão em sala de aula, foram trabalhadas as possibilidades favorecidas à ambas por meio do desenvolvimento de brincadeiras pertencentes ao rico universo lúdico.

O projeto foi desenvolvido durante o estágio do curso de Pedagogia, em uma classe de terceira série do ensino fundamental, em uma escola pública de Ceilândia (DF). O lúdico, aplicado por meio das brincadeiras, foi escolhido como forma de atuação e favorecimento ao respeito à diversidade e à inclusão em sala de aula. A inclusão trabalhada está ligada ao conceito de diversidade já defendido, ou seja, para todos, independentemente das potencialidades e necessidades ou dificuldades de cada um.

As brincadeiras aplicadas foram recriadas a partir de outras conhecidas, possibilitando uma integração de todos os estudantes, bem como análises de seus comportamentos antes, durante e após a realização das atividades lúdicas. Ao final, as brincadeiras são compiladas e demonstradas como uma forma de incentivo à sua aplicação e de outras em sala de aula. O projeto é uma demonstração de como o lúdico pode favorecer o respeito e a inclusão em sala de aula.

Palavras-chave: Diversidade. Lúdico. Inclusão.

SUMÁRIO

PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO.....	10
PARTE II – MONOGRAFIA.....	21
INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 1. REFERENCIAL	23
1.1. UM POUCO SOBRE A DIVERSIDADE.....	23
1.2. SOBRE A INCLUSÃO.....	24
1.3. O RESPEITO À DIVERSIDADE ULTRAPASSA O ENSINO TRADICIONAL E POSSIBILITA A INCLUSÃO.....	25
1.4. O LÚDICO.....	26
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA.....	28
2.1. CONHECENDO A ESCOLA CLASSE 08.....	28
2.2. O ENSINO DA ESCOLA	29
2.3. UM POUCO SOBRE OS ESTUDANTES.....	31
2.4. A PROFESSORA	31
2.5. O PROJETO.....	32
CAPÍTULO 3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	34
3.1. ATIVIDADE - QUEM PLANTA COLHE.....	34
3.1.1. Construção da Atividade.....	34
3.1.2. Desenvolvimento da Atividade.....	34
3.1.3. Conteúdos.....	35
3.1.4. Objetivos.....	35
3.1.5. Metodologias.....	35
3.1.6. Momentos da Aula.....	35
3.1.7. Recursos.....	35
3.1.8. Análise.....	35
3.1.9. Trabalho para Casa.....	36
3.1.10. Observações.....	36
3.1.11. Anexos.....	36
3.2. ATIVIDADE – POR QUE O CHOCOLATE É SEU?.....	36
3.2.1. Construção da Atividade.....	36

3.2.2. Desenvolvimento da Atividade.....	37
3.2.3. Conteúdos.....	37
3.2.4. Objetivos.....	37
3.2.5. Metodologias.....	37
3.2.6. Momentos da Aula.....	37
3.2.7. Recursos.....	37
3.2.8. Análise.....	37
3.2.9. Trabalho para casa.....	38
3.2.10. Observações.....	38
3.2.11. Anexos.....	38
3.3. ATIVIDADE – BATATA QUENTE: QUALIDADES E NECESSIDADES	38
3.3.1. Organização da Atividade.....	38
3.3.2. Desenvolvimento da Atividade.....	38
3.3.3. Conteúdos.....	39
3.3.4. Objetivos.....	39
3.3.5. Metodologias.....	39
3.3.6. Momentos da Aula.....	39
3.3.7. Recursos.....	39
3.3.8. Análise.....	39
3.3.9. Trabalho para casa.....	39
3.3.10. Observações.....	40
3.3.11. Anexos.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXOS.....	44
1. ANEXOS_ “QUEM PLANTA COLHE”	44
2. ANEXOS_ “POR QUE O CHOCOLATE É SEU?”	46
3. ANEXOS_ ”BATATA QUENTE”	47
PARTE III. PROSPECÇÃO PROFISSIONAL FUTURA.....	49
1. AMBIENTE PARA A AÇÃO PEDAGÓGICA FUTURA.....	49
2. PROPOSTA DE AÇÃO.....	49
3. BASE DA PROPOSTA.....	49
4. OBJETIVOS DO TRABALHO PEDAGÓGICO.....	49
5. SITUAÇÃO ATUAL.....	50
6. PERSPECTIVAS FUTURAS DE FORMAÇÃO E OBJETIVOS.....	50

PARTE I. MEMORIAL EDUCATIVO

Nem sempre é fácil identificar a profissão ideal. Prova disso são os inúmeros testes vocacionais que existem e os diversos resultados que produzem. Eu também sou exemplo da difícil tarefa de harmonizar o sonho profissional e as necessidades reais. Assumo que por várias vezes a dúvida visitou-me.

Esta reflexão sobre minha trajetória estudantil e a elaboração deste Memorial iluminou de modo especial o caminho que desejo seguir. Por meio deste exercício, voltei aos meus primeiros sonhos de formação, lembrei das opções de estudo e trabalho que a vida ofereceu-me, das escolhas que fiz dessas opções e dos sentimentos e condições decorrentes de cada uma. Também refleti sobre o lugar de formação que ocupo atualmente, o objetivo profissional que desejo alcançar e o caminho necessário para unir uma realidade à outra.

Desejo que as lembranças e pensamentos registrados nesse Memorial sejam sempre fonte de reflexão e orientação, para mim, em especial, e para todos que o conhecerem.

Meu nome é Weridiana Maria, sou casada, mãe dos lindos meninos Pedro Arthur e Emanuel Cláudio, que tem respectivamente 05 e 03 anos de idade, e estou grávida de um bebê que ainda não tive a graça de saber se é menino ou menina, mas que já é aguardado com muita esperança. Minha mãe é a Maria Vilma, que estudou até a quarta série do ensino fundamental no Ceará, foi professora do Mobral no interior, aprendeu sozinha, entre outras coisas, o ofício de costureira e há aproximadamente 10 anos concluiu o ensino fundamental em uma escola pública da Ceilândia-DF. Meu pai frequentou a escola por apenas alguns meses lá no Ceará, lê soletrando, faz contas de cabeça como ninguém e, juntamente com minha mãe, ensinou-me desde cedo o valor dos estudos e do trabalho.

Desde que nasci, moro na Ceilândia. Sempre que me perguntam de onde sou, respondo prontamente que sou uma cearense nascida no Distrito Federal.

Qual foi minha trajetória até chegar onde estou?

Entrei na escola aos cinco anos. Era uma escolinha particular, que ficava no meio de uma rua próxima à minha casa. Eu frequentava o jardim de infância e o meu irmão, que é mais velho do que eu 04 anos, também estudava na mesma escolinha. Lembro do revezamento que havia

nessa escola entre as turmas para a utilização do balanço e do escorregador nos recreios. Foi no período em que estudei lá que aprendi a escrever o meu nome, mas foi em casa que o escrevi sozinha pela primeira vez.

No ano seguinte, quando completei 06 anos, eu e meu irmão fomos estudar na Escola Classe 46, uma escola pública que também ficava próxima à nossa casa. Nessa escola, eu estudei do pré até a quarta série.

Na Escola Classe 46, fiz minha primeira formatura, ao concluir o prezinho. Lá tive, na primeira série, uma das melhores professoras que conheci, que me ensinou as letras, seus sons, sua leitura, os números e como contá-los. Na segunda série, eu precisava copiar textos do livro de português no caderno e sempre era uma das últimas a terminar essa atividade - eu não gostava de fazer aquilo e menos ainda de ser contada pela professora como a aluna que ainda não havia concluído. Na terceira série, eu lembro pouco de minha professora, apenas que ela falava que a novela que estava passando na época sobre vampiros não era “coisa de Deus”. Já na quarta série, lembro que um colega sempre comparava os resultados de suas contas com as minhas, como se fosse um gabarito. Nessa série, eu já gostava bastante de artes, mas não fazia trabalhos artísticos com facilidade e rapidez.

Fui transferida de escola a partir da quinta série. Comecei a estudar no Centro de Ensino Fundamental 13 de Ceilândia, uma realidade totalmente diferente da que eu havia conhecido até então. Quando cheguei naquela escola, o meu irmão já era bem conhecido por lá. Dessa forma, conheci rapidamente muitas pessoas que me chamavam de “a irmã do Wágner”. Estudei nessa escola da quinta à oitava série.

Na quinta série, tirei a minha primeira nota vermelha. Na época era um MI. Chorei tanto no dia em que recebi aquela nota, como se minha vida acadêmica estivesse arruinada. Contudo, recebi ainda naquela série e na seguinte alguns certificados de aluna destaque, por ter somente notas consideradas boas e ótimas. Na quinta série eu era muito calada e estudiosa e na sexta série eu brincava muito, mas continuava tirando notas boas.

Já na sétima série, eu enfrentei um desinteresse pessoal pelos estudos. No final do ano, fiquei pela primeira vez de recuperação e foi logo em três disciplinas. Em uma delas, eu precisava tirar nota dez para passar de série e acabei tirando as notas que precisava. Lembro de minha professora de história que me comparava ao carro movido a álcool, o qual demorava para esquentar, mas quando pegava ia de uma vez. Hoje, vejo que ela tinha razão.

Na oitava série, eu participei da comissão de formatura. Passava o dia na escola e muitas vezes no turno noturno estava lá também. Ajudei a organizar passeios e, apesar das enormes dificuldades que ocorreram, tivemos uma festa muito legal ao final daquele ano. Construí amizades com alunos, professores e também com os diretores.

Foi na oitava série que pensei seriamente em fazer magistério. Então, no início do ano seguinte, fiz a prova de admissão da escola Normal de Ceilândia. Fui aprovada, mas não realizei minha matrícula, pois acabei optando pelo ensino médio acadêmico para que pudesse estudar à noite e trabalhar durante o dia.

Novamente precisei mudar de escola e em vez de ir para o Centro de Ensino Médio 10, que era o caminho comum a todos que concluíram as séries oferecidas no 13, optei por estudar no Centro de Ensino Médio 06 de Ceilândia (Centrão), pois ficava bem próximo de minha casa e eu poderia estudar à noite como havia planejado.

Quando fui fazer minha matrícula no Centrão, solicitei o turno noturno, porém, para o meu desespero, o diretor não permitiu que eu estudasse à noite. Insistiu que o ensino durante o dia era superior e que eu não tinha idade e nem necessidade de frequentar a escola à noite. Minha mãe concordou com o diretor e eu voltei frustrada e muito chateada para casa, principalmente porque lembrava da Escola Normal que eu havia abandonado.

Então comecei o meu segundo grau. Em todo o período, conheci professores maravilhosos, especialmente do ponto de vista intelectual. As matérias, a escola, os amigos, tudo era novidade.

Foi no segundo grau que comecei a trabalhar, primeiro em uma padaria próxima à escola, onde entrava às 13h, saía às 21h e folgava 1 vez por semana. Depois trabalhei de modo informal com decoração de festas, juntamente com a amiga que conheci no Centrão. Eu e essa amiga ficamos bem próximas ao longo de todo o ensino médio.

Dos trabalhos escolares, lembro especialmente da peça que encenamos já no terceiro ano. Participei da peça principal e também de um monólogo que foi emocionante, os quais nos renderam as melhores notas e um gosto pessoal pelo teatro.

Também foi durante o ensino médio que conheci o programa SOS Galera, pelo qual recebi formações e contribuí com trabalhos sociais juntamente com outros adolescentes. Enquanto membros do SOS Galera, tínhamos reuniões e compromissos constantemente, recebíamos uma

bolsa e realizávamos trabalhos de conscientização nas escolas públicas de Ceilândia. Por meio de teatro, rodas de discussão, palestras ou conversas informais, transmitíamos mensagens de conscientização contra a violência que se mostrava na Ceilândia em suas diferentes formas. Pelo programa fiz uma excelente viagem à Curitiba, onde encontrei outros jovens que também participavam de projetos sociais.

Antes de terminar o segundo grau, comecei a preocupar-me com os rumos da minha formação e atuação profissional. Eu estava concluindo um curso acadêmico e não havia nenhum programa de estágio naquela época para esse tipo de curso, somente para os cursos técnicos. Sem trabalho fixo, eu não tinha condições de pagar um cursinho e menos ainda uma faculdade, além de não estar preparada para ser aprovada no vestibular da UnB.

Então concluí que não podia ficar em casa após terminar o segundo grau. Foi quando tomei conhecimento do Curso Técnico em Sistemas de Informação que seria ofertado pelo Centro de Educação Profissional de Ceilândia – CEP. Também decidi voltar na minha decisão e tentar novamente o magistério, mesmo que parecesse loucura cursar novamente o segundo grau.

Fiz os processos seletivos para o curso Técnico e novamente para o Magistério. Fui aprovada nos dois processos. Entrei na primeira turma do curso técnico da Escola Profissional de Ceilândia – CEP e lembro-me da colocação na lista de aprovados da Escola Normal de Ceilândia, onde fiquei com o décimo lugar pela classificação alfabética e em sexto pela classificação de nota. Dessa vez eu não desisti, fiz minha matrícula nas duas escolas, para estudar durante o dia em uma e durante a noite em outra. Aí começou uma espécie de dilema interno que às vezes ainda me visita: qual é a minha área profissional ideal ou como posso conciliar as duas áreas para as quais estudei?

Havia a possibilidade de entrar no magistério a partir do segundo ano, pois eu já havia concluído essa série, entretanto, naquele ano, não foi ofertada a segunda série do magistério, por isso, iniciei o curso no seu primeiro ano.

Foi um pouco puxado. Cursava o magistério de dia e o curso técnico de noite. Apreendi muito no magistério, mas ainda carregava uma sensação de frustração por estar ali novamente no segundo grau enquanto tinha idade para fazer faculdade ou trabalhar. Mas tirei do tempo de magistério o melhor que pude.

Logo no primeiro ano de magistério, começamos o estágio supervisionado. Eu estagiei em uma escola classe da Ceilândia Norte. Lá eu tive o meu primeiro contato apaixonante com a educação especial. Era uma turma com aproximadamente cinco alunos com necessidades

educacionais especiais. De um deles, eu recebi uma cartinha, com letras escritas aparentemente com dificuldade, uma frase de carinho e uma figura em formato de coração, de papel laminado vermelho. Naquela época, eu senti vontade de trabalhar com uma turma semelhante.

Também foi nessa escola que desenvolvemos um projeto muito legal para incentivo à leitura. Era o projeto da Aranha Arandela. Nesse projeto, criávamos por toda a escola um ambiente propício à leitura e à imaginação infantil, levávamos as crianças à biblioteca para conhecerem a aranha que adorava ficar entre os livros. A aranha, que era interpretada justamente por mim, vestia uma fantasia com vários braços, uma blusa de manga longa preta, uma meia calça preta e uma saia vermelha. De Arandela, eu contava histórias e estimulava o gosto das crianças pelos livros. Foi muito especial para mim.

Naquele mesmo ano, houve uma longa greve de professores. Ofereci meu apoio aos professores e participei de algumas manifestações, onde em uma delas encontrei a professora de português do meu ensino médio. Conteí a ela que estava ali como estudante de magistério e ela olhou para mim e disse: tenho certeza que você tem condições de fazer Pedagogia na UnB! Fiquei muito contente com o incentivo da professora.

Surgiu também, naquele ano, pelo curso técnico, a oportunidade de estagiar na CAESB. Participei do processo seletivo após muita reflexão e fui chamada para a entrevista. Quando informei à entrevistadora que estudava na Escola Normal de Ceilândia, ela insistiu para que eu não deixasse o magistério para trabalhar, mas não me convenceu. Então, novamente, eu abri mão de atuar na área educacional. Fui estagiar na CAESB e não voltei à Escola Normal. Como já era o final do 3º bimestre e eu tinha boas notas, fui aprovada para o 2º ano, mas não retornei.

Da CAESB fui contratada para trabalhar temporariamente em uma empresa de computadores e tecnologia. Em poucos meses, fui efetivada no setor de Engenharia, onde mais uma vez os rumos de minha carreira profissional foram direcionados para a área tecnológica.

Trabalhando no setor de Engenharia tive o sonho de tornar-me engenheira. Pesquisei todas as faculdades da época e optei por prestar vestibular no IESB, onde a empresa me forneceria uma bolsa e, completando-a com praticamente todo o meu salário, eu poderia pagar a mensalidade daquele curso.

Lembro muito bem que não havia PROUNI, não havia Bolsa do GDF, o FIES não era tão popular e eu não tinha nenhum incentivo para a formação superior além do que eu recebia de

minha empresa. Existia, porém, a regra para a manutenção da bolsa na empresa, na qual se dizia que era necessário ser aprovada em todas as disciplinas.

Cheguei ao curso de engenharia. Senti na pele as dificuldades provenientes da deficiência do ensino público. Em minha sala, havia alunos vindos do Galois e de outras escolas particulares desse nível e, por algumas vezes, senti-me completamente perdida nas aulas de cálculo, principalmente por nunca ter estudado derivadas e limites antes. O meu campus ficava na L2 Sul, onde não havia ônibus direto para a Ceilândia no término da aula. Por isso, eu subia a pé todos os dias para o Eixo, a fim de pegar uma condução que servisse. Unindo a dificuldade do transporte a uma nota de cálculo próxima do zero que consegui, desisti do curso quando já estava praticamente no final do primeiro semestre.

Daí veio outra fase que eu não gostaria de reviver. Solicitei o cancelamento da minha matrícula e, desde que informei aos professores a minha desistência até minha chegada em casa, eu chorei. Lembro de meu professor de Algoritmo dizendo-me que já tinha definido o meu nome para sua monitora do próximo semestre. Lembro, ainda, do professor de Física insistindo para que eu não desistisse.

Por um bom tempo, decidi que não estudaria mais... Mas os conselhos de minha mãe, do meu namorado que hoje é o meu esposo e a insistente vontade que não me abandonava, tudo isso fez com que algum tempo depois eu voltasse a pensar em cursar o nível superior.

Então, decidi cursar uma faculdade que eu pudesse pagar, aceitando minha realidade e fazendo o melhor que eu pudesse com as condições que eu tinha. Ainda não havia esses tantos incentivos e bolsas que existem hoje.

Como eu já havia concluído o curso técnico em Sistemas de Informação e esse curso também era fornecido em nível superior por praticamente todas as faculdades, comecei a refletir se devia continuar naquele rumo, afinal, era um curso mais acessível financeiramente.

Antes de concluir sobre o curso e a faculdade que deveria frequentar, novamente tive vontade de fazer um curso na área educacional. Fiquei muito balançada com a possibilidade de cursar Pedagogia na Faculdade Cenecista de Brasília, pois sua mensalidade também condizia com minha realidade e seria a chance de concluir aquilo que eu tinha a sensação de ter abandonado no ensino médio.

Pensei, questionei, projetei, duvidei e também acreditei. Em meio aos verbos de minha indecisão, concluí que era melhor continuar na área de informática, pois parecia mais promissora, eu gostava e já atuava nela.

Então entrei na Faculdade de Negócios e Tecnologias da Informação – FACNET. Entrei desmotivada, mas cada vez que eu conhecia um pouco mais do curso eu tinha mais a intenção de continuar naquela área.

No segundo semestre, eu fui desligada da empresa onde trabalhava. Consegui um incentivo da própria faculdade para não abandonar os estudos. Quando iria para o 4º semestre da faculdade, trabalhando em outro emprego, surgiu o Programa Universidade para Todos – PROUNI. Fiz o ENEM, fiz minha inscrição no PROUNI e para ter mais chances de ser aprovada no programa, optei pelo curso de Tecnologias em Sistemas de Telecomunicações – Telecom, que também era ofertado pela minha faculdade. Fui selecionada, tranquei o curso de sistemas e comecei a estudar Telecom sem pagar nenhum real.

Lembro que sempre incentivava meus colegas a se inscreverem nas bolsas de estudos que começaram a aparecer, especialmente do PROUNI, pois eu era a prova de que o governo agora tinha interesse em pagar o ensino superior para quem de fato precisasse.

Cursei o primeiro e o segundo semestre do curso de Telecom. Quando cheguei ao terceiro semestre, decidi solicitar a utilização da minha bolsa para conclusão do curso de Sistemas que eu havia trancado. Tranquei Telecom e voltei para o quarto semestre do curso de Sistemas.

Pouco tempo após retornar para o curso de Sistemas, eu casei. Na primeira semana de meu casamento, engravidei e, no semestre seguinte, tranquei novamente a faculdade de sistemas.

Já grávida, eu trabalhava com mala direta para divulgação de um software de gerenciamento de acesso que tinha muitas vantagens para a área educacional. Como precisava pesquisar e-mails de diferentes profissionais da educação para a divulgação do produto, sempre entrava nos sites das Universidades. Além disso, eu sempre gostei de pesquisar cursos gratuitos e desenvolvidos à distância. Numa dessas pesquisas, conheci a oferta do curso de Pedagogia pela UnB, por meio da UAB.

Logo pensei que era a minha chance. Sei que parece loucura, mas sempre teve algo que me puxou para essa área educacional. Até mesmo nas atividades que desenvolvia na Igreja, sempre

gostei muito da catequese, por vários anos tive turmas de crianças, de adolescentes e amava, ou melhor, amo esse serviço.

Então eu decidi fazer o vestibular para a UAB/UnB. Dos lugares onde o curso seria oferecido, Alexânia era o mais próximo do Distrito Federal. Após identificar o melhor Pólo, eu precisava conseguir o dinheiro para pagar o vestibular. Lembro muito bem que eu havia ganhado do meu esposo um creme maravilhoso para o rosto que eu ainda não havia utilizado. Ofereci o creme a uma colega de trabalho pelo valor do vestibular e ela comprou. Com esse dinheiro, paguei a prova...

Quando já estava com sete meses de gravidez, fiz o vestibular da UnB para cursar Pedagogia pela UAB em Alexânia. Minha mãe não permitiu que eu fosse sozinha de ônibus para Alexânia por conta da gravidez. Acompanhou-me até a entrada da escola onde fiz a prova e ficou andando pela cidade até que eu concluísse o exame. Ao terminar a prova, lembro como se fosse hoje, a colega Ana Líbia ofereceu-me carona para Brasília e voltamos já bem tarde para casa.

Fiquei muito feliz ao saber que fui aprovada no vestibular. E só depois dessa notícia, contei ao meu esposo que havia vendido o creme que me deu de presente para o pagamento do vestibular. Ele entendeu que foi um bom investimento.

Quando meu bebê nasceu, em menos de uma semana começaram as aulas. A minha situação como mãe de primeira viagem, as dificuldades que enfrentei com o meu neném, o resguardo e todo aquele universo contribuíram para que eu reprovasse naquele primeiro semestre. Então a seguinte alegria foi saber que não seria jubilada por conta daquelas matérias e, no segundo semestre, eu passei em todas as disciplinas.

Aí também voltei ao curso de Sistemas. Houve um tempo em que eu fazia os dois cursos superiores, tinha a minha casa para cuidar, o meu esposo, o meu neném, trabalhava fora e para completar, quando meu primeiro filho estava com mais ou menos um ano e quatro meses, engravidei do segundo filho.

Eu, grávida pela segunda vez, passava mal e não sabia do quê. Lembro que professores da UnB me ligavam para estimular a minha participação e eu não conseguia ligar o computador, daí o resultado foram outras reprovações. Mas passei aquele sufoco, meu segundo filho nasceu e, apesar de tudo, não larguei Pedagogia, mas tranquei novamente o curso de Sistemas, faltando apenas a segunda parte do Projeto Final para a conclusão.

Tive meu segundo bebê... Dessa vez, não desisti da Pedagogia.

Mudei de profissão, passei a trabalhar no setor de Recursos Humanos, voltei para o curso de Sistemas e concluí o mesmo no segundo semestre de 2011. Também nesse semestre, tive riquíssimas experiências com o estágio do curso de Pedagogia e outras atividades de observação em sala de aula.

Estagiei em uma escola de Ceilândia Norte (diferente da que estagiei no magistério) e conheci uma turma de formato inclusivo. Mais ainda tive a vontade de trabalhar com educação inclusiva. O projeto que desenvolvi nesse estágio, tinha por objetivo resgatar brincadeiras populares, motivar a construção de brinquedos e as próprias brincadeiras para a inclusão espontânea entre as crianças. Foi uma experiência única e enriquecedora.

Nesse curso de Pedagogia, desde que conheci as disciplinas relacionadas à educação inclusiva e à educação hospitalar, tive certeza que sabia o que queria fazer. Mas como sou formada em sistemas e é parte do senso comum a teoria de que essa área é mais promissora do que a de educação, eu nunca me liberei do dilema de ter que escolher entre uma e outra. Bom mesmo seria conciliar as duas áreas, mas apesar das sugestões que já ouvi, nenhuma foi capaz de iluminar o caminho suficientemente para que eu pudesse seguir. Fiz muitas pesquisas, mas continuo sem saber se é possível essa conciliação.

Gosto das duas áreas, essa é a verdade. Mas se preciso escolher, hoje e com mais certeza a cada dia, escolho a educação. Pensei em desistir em alguns momentos desse curso, em outros tantos pedi ajuda e fui auxiliada por ótimos educadores que se tornaram exemplos e verdadeiros incentivos para mim. Acredito que essas pessoas, bem como as outras que conheci desde os primeiros anos de escola, foram e ainda são nas minhas recordações, verdadeiros instrumentos que iluminam e fortalecem essa caminhada. Acredito que o caminho do desenvolvimento intelectual e humano não tem fim, mas para cada uma de suas etapas, bons frutos estão reservados.

Apesar desse dilema entre tecnologia e educação, a UAB foi para mim uma espécie de casamento dessas áreas. Eu que sempre fui ligada em tecnologias e computadores, além de ser amante da educação, entrei em um curso no qual eu precisava da tecnologia e do computador para entrar no universo educacional. Então a UAB abriu para mim uma perspectiva de trabalho com educação à distância. E para não finalizar as coincidências, eu que sempre gostei de educação inclusiva, fui incluída pela UAB no universo da UnB, inacessível até então para mim. Então, a UAB concretizou as vontades profissionais de trabalhar com tecnologia e educação e me incluiu na UnB para que eu sentisse na pele as possibilidades que a educação abre para o desenvolvimento de todos.

Além dessa história tão bem construída, a UAB ensinou-me a ser estudante. Eu reprovei várias vezes porque as minhas condições muitas vezes não permitiram que eu seguisse o curso regular das matérias, porém, eu aprendi a estudar sozinha, a ter disciplina, a esforçar-me ainda que fosse a custa de noites inteiras em claro para alcançar o que eu acreditava: a formação para a formação, a educação para a educação. Ser educada para tornar-me educadora, ser formada para mediar outras formações.

Hoje ainda enfrento muitas dificuldades, mas não desaprendi a perseverança que os maravilhosos professores que conheci neste curso ensinaram-me.

Como experiência mais recente, descrevo a recuperação da matéria de Fundamentos da Arte em Educação. Participei online das aulas presenciais dessa disciplina e, algumas vezes, participei presencialmente das aulas na UnB. Fui muito bem recebida pelo professor Lúcio Teles, pelas professoras Amanda Ayres, Alessandra Lisboa e Kalina Borba e pela maioria dos alunos presenciais. Sabe o que isto significa? Que a matéria que fiz online foi a mesma que meus colegas da UnB fizeram no ensino presencial. Foi a experiência à distância menos distante que vivi na UAB/UnB. A partir dessa experiência, tenho o desejo de que outros professores sigam o exemplo desses quatro que citei, pois para mim, eles fizeram história no curso de Pedagogia à Distância da UnB.

Para concluir, lembro dos professores que chegaram ao ponto de ligar para minha casa ou meu celular a fim de que eu não desistisse desse curso. Aos professores que me concederam muito mais do que uma chance, na minha história de necessidades, fui incluída na educação superior pública por meio do trabalho dos senhores. Meus agradecimentos e admiração.

A importância da nossa escolha profissional é a confirmação da necessidade de reflexão sobre a mesma. Estudar e trabalhar não são atividades regidas pelo acaso, portanto, aqueles que as executam devem desvendar na prática os seus objetivos.

É papel importante do educador identificar o melhor caminho para a sua formação e atuação, contudo, é sua responsabilidade também auxiliar outros nessas descobertas.

Esse Memorial confirma a importância da educação para o trabalho e o necessário trabalho dentro da educação. Estudar e formar-se para uma atuação profissional é o caminho que deve ser percorrido da melhor forma e por todos.

Com esse trabalho, lembrei de meus sonhos relacionados à área educacional e o meu desejo de continuar. É meu objetivo estudar e trabalhar para possibilitar a outros o próprio desenvolvimento pela educação e atuação profissional.

Esse Memorial é um singelo trabalho baseado na vida, que verdadeiramente ajudou-me a reorientar meus projetos de formação e de trabalho.

PARTE II. MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Ao longo dos estágios do curso de Pedagogia, desenvolvi projetos voltados ao tema da inclusão. Nos primeiros momentos, meu olhar e meu trabalho se voltaram para a inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais. Com a experiência dos primeiros estágios, no entanto, passei a identificar a necessidade de olhar e trabalhar com as crianças com dificuldades comportamentais, pois dentro da sala de aula, observando ou realizando atividades práticas, percebi o quanto as crianças com dificuldades comportamentais dificultavam o trabalho da professora e o quanto, muitas vezes, eram excluídas por suas próprias atitudes do curso regular das aulas. Sem ignorar as crianças com necessidades de aprendizagem e considerando também as que apresentavam dificuldades comportamentais, aprendi nos estudos, nas observações e na prática dos estágios que a inclusão é para todos e não para alguns diferentes.

Escolhi o lúdico para o projeto voltado à inclusão no estágio a fim de incentivar por meio das brincadeiras uma maior participação das crianças, para confirmar junto ao trabalho dos professores o quanto a brincadeira faz parte do universo infantil e, ao mesmo tempo, ter a oportunidade de trabalhar temas importantes como valores, regras de convivência e comportamentos, com leveza e sem superficialidade.

Trabalhei em uma turma que possuía uma aluna com deficiência intelectual. Apesar da escola existir legalmente para todos ali reunidos, havia momentos em que algumas crianças caracterizavam a menina como “a diferente”. Com o objetivo de demonstrar as semelhanças entre as crianças e ao mesmo tempo o respeito às suas diferenças, identifiquei e apliquei na classe algumas atividades lúdicas para favorecer a participação de todos.

Durante esse primeiro momento, percebi o trabalho que os alunos com dificuldades comportamentais davam aos educadores, mais do que os alunos que tinham necessidades de aprendizagem. A essa altura, a turma acompanhada possuía outro aluno com deficiência intelectual, entretanto, esses alunos não dificultavam tanto o trabalho docente em sala quanto o comportamento de outros estudantes.

Foi necessário repensar para quem era necessário o projeto de inclusão por meio do lúdico. Não bastava olhar para as crianças com necessidades de aprendizagem, era preciso olhar também para as crianças com dificuldades comportamentais, enfim, olhar para todos e considerar as singularidades que orientavam o desempenho da classe.

As observações e os diálogos com professores possibilitaram-me conhecer um pouco da história dos estudantes. Entendi que as crianças de comportamentos mais difíceis eram também as que possuíam histórias de vida mais complicadas. Entre essas crianças, estavam filhos de presidiários, crianças sem condições econômicas para terem os materiais básicos de estudo, crianças criadas por parentes e não por seus pais. Essa realidade reforçou meu objetivo de trabalhar com o lúdico, como uma possibilidade de comunicação dentro do universo infantil, a fim de tratar do respeito e da convivência em sala de aula.

O estágio foi realizado em uma classe de terceira série do ensino fundamental, da Escola Classe 08 de Ceilândia. O projeto foi desenvolvido por meio da recriação, da aplicação e da análise de atividades lúdicas. Os seguintes objetivos conduziram o projeto: o respeito à diversidade a partir de brincadeiras que chamavam a atenção para o tema, a inclusão de todos os alunos nas atividades lúdicas, para a valorização do respeito e da convivência em sala de aula.

No capítulo 1, irei descrever o referencial teórico que fundamentou o projeto, sob os pilares do respeito à diversidade, da necessidade da inclusão e da relevância do lúdico. No capítulo 2 falarei da metodologia utilizada no projeto, abordando a realidade da escola, do ensino desenvolvido, dos estudantes e da professora conhecidos durante o estágio. Ainda no capítulo 2, explicarei o projeto, as atividades lúdicas desenvolvidas, os objetivos da escolha e o registro das mesmas. No capítulo 3, apresentarei detalhadamente as atividades realizadas e suas análises, compiladas em um pequeno manual para incentivo à sua aplicação, bem como a de outras. Objetivando-se assim, a demonstração da importância do lúdico, do respeito à diversidade e da inclusão em sala de aula.

Capítulo 1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. UM POUCO SOBRE A DIVERSIDADE

Neste trabalho, tenho como referência a definição de diversidade defendida por Reinaldo Bulgarelli (2011) no seu artigo “Inclusão e Diversidade”: “Diversidade é o conjunto de diferenças e semelhanças que nos caracterizam, não apenas as diferenças”. A partir desse conceito, aprendemos que a diversidade é uma característica de todos nós e não apenas de alguns diferentes. Mas qual a importância desse aprendizado? Nos reconhecermos como diferentes e ao mesmo tempo semelhantes. Todos nós possuímos características que nos diferem uns dos outros e carregamos semelhanças que nos unem em grupos, que nos garantem os mesmos direitos.

O segundo artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que foi aprovada em 10 de dezembro de 1948 na Assembleia Geral das Nações Unidas, determina que não deve haver, em nenhum momento, discriminação por raça, cor, gênero, idioma, nacionalidade, opinião ou qualquer outro motivo. Esse direito é assegurado a todos os semelhantes que compõem o grande grupo dos seres humanos e suas singularidades são descritas para informar que nenhuma delas exclui alguém desse direito. Todos têm o direito de não sofrer discriminação, pois nenhuma singularidade a autoriza.

O entendimento da diversidade e o direito a ela são fundamentais para a educação, que também é direito assegurado a todos pela Constituição Federal Brasileira de 1988. O artigo que detalha o Direito à Educação é o 208, que cita o ensino fundamental, o ensino médio, o atendimento especializado aos que possuem necessidades especiais, o acesso à creche e pré-escola e outras garantias relacionadas.

Entretanto, trabalhar com a heterogeneidade em sala de aula é tarefa difícil. Citando Perrenoud, ANDRÉ (2008, p. 82) destaca a diversidade e a complexidade que envolvem situações em sala de aula:

Seja qual for o grau de seleção prévia, ensinar é confrontar-se com um grupo 'heterogêneo' (do ponto de vista das atitudes, do capital escolar, do capital cultural, dos projetos, das personalidades, etc...). Ensinar é ignorar ou reconhecer estas diferenças, sancioná-las ou tentar neutralizá-las, fabricar o sucesso ou o insucesso através da avaliação formal e informal, construir identidades e trajetórias”. (PERRENOUD, 1993, p. 28).

Ainda segundo ANDRÉ (2008, p. 103), trabalhar com a diversidade não é ignorar as diferenças ou impedir a individualidade, mas sim, favorecer o diálogo, dar espaço para a expressão de cada um e para a participação de todos na construção de um coletivo apoiado no conhecimento mútuo, na cooperação e na solidariedade.

Na sala de aula, há uma união de diferentes pelo elo da educação. Nesse contexto, a sala de aula é identificada como um lugar privilegiado para a diversidade, portanto, entendê-la e favorecer o respeito a ela é fundamental no processo educacional.

1.2. SOBRE A INCLUSÃO

No citado artigo de Reinaldo Bulgarelli (2011), um trecho muito interessante descreve o ato de incluir:

Incluir é gesto que exige a disposição de todos os envolvidos para o encontro, o diálogo, a troca, o enriquecimento mútuo, algo que acontece no processo de considerar e acolher outras possibilidades de ser, de saber, de fazer, de exercer o poder (todos tem poder!).

Para o autor, ninguém é ativo no processo de inclusão do outro e ninguém é passivo na sua própria inclusão. Ninguém inclui ninguém porque a inclusão depende de todos. É na relação que existe a inclusão e é na interação que a diversidade tem o seu maior sentido.

Essa reflexão é indispensável ao entendimento da inclusão e da sua relação com o respeito à diversidade, defendidas neste trabalho. Não se trata de incluir o outro ou de ser incluído por alguém, a grande questão é que a inclusão é movimento de todos, é na relação e na interação de todos que ela é realizada, a partir do indispensável respeito à diversidade.

A definição de Reinaldo, nos remete, ainda, a um importante ensinamento de Paulo Freire: “Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais” (FREIRE, 1987, p. 52).

A inclusão é ação de todos, onde todos tem lugar, onde todos são reconhecidos e respeitados em sua identidade. É na convivência que os seres humanos podem transformar a própria realidade, é na convivência que o respeito à diversidade se concretiza.

Vale ressaltar, uma descrição de ARANTES (2008, p. 17) que envolve diversidade e inclusão:

Quando entendemos que não é a universalidade da espécie que define um sujeito, mas as suas peculiaridades (...), tratar as pessoas diferentemente pode enfatizar suas diferenças, assim como tratar igualmente os diferentes pode esconder as suas especificidades e excluí-los do mesmo modo; portanto, ser gente é correr sempre o risco de ser diferente.

Assim, todos nós somos diferentes uns dos outros e não pode haver inclusão a partir da diferenciação ou homogeneização do que é diferente. Ser gente é ser diferente e o respeito a essa realidade é indispensável à verdadeira inclusão. A inclusão é possível a partir da participação ativa de todos, do respeito concretizado na convivência e da diversidade.

1.3. O RESPEITO À DIVERSIDADE ULTRAPASSA O ENSINO TRADICIONAL E POSSIBILITA A INCLUSÃO

JESUS (et al. 2009, p. 148) descreve que o modelo de ensino conhecido como tradicional constitui-se um dos principais alvos das críticas dos pensadores Vygotsky e Paulo Freire. Segundo JESUS, tal modelo é denominado por Vygotsky de velha escola e por Freire de educação bancária, sendo necessário para a defesa do direito de todos como agentes participantes e transformadores da própria história. JESUS (et al. 2009, p. 148) defende que Vygotsky e Freire criticaram a verticalidade do ensino que descrevia o professor como o detentor do conhecimento e o aluno como um pote vazio de experiência e conteúdo, o qual era chamado à luz da educação pelo depósito dos conteúdos que o professor podia realizar.

O entendimento dessas afirmativas nos possibilita entrar no universo da inclusão com propriedade. Falar de ensino inclusivo é trabalhar com uma educação que inclui primeiramente o estudante, com importância semelhante à do professor. Nessa inclusão, o estudante tem que ser aceito em sua dimensão histórico-social e cultural.

Essa reflexão é imprescindível porque não basta falar de educação para o diferente ou para os identificados como especiais. Se não existe uma participação ativa dos reconhecidos como normais no processo ensino-aprendizagem, menos haverá para os identificados como diferentes. E inclusão é, como já refletimos, para todos nós que somos diferentes, somos diversos e semelhantes ao mesmo tempo.

Ainda como afirmou JESUS, Vygotsky e Freire também não admitiam a ideia de separar o “joio do trigo”, os “normais” dos “anormais”. “Todos, independentemente de suas possibilidades e potencialidades, devem estar juntos no desenvolvimento histórico-social-cultural” (JESUS et al. 2009 , p. 149).

1.4. O LÚDICO

Quando buscamos a definição para o termo lúdico, nos deparamos com informações relacionadas a brincadeiras, brinquedos, jogos etc. É comum pensarmos no lúdico como momento de diversão, uma espécie de ação descomprometida onde o objetivo é tão somente a realização do desejo de brincar presente no ser humano desde a mais tenra idade. Contudo, o lúdico ultrapassa suas próprias definições para o alcance de seus objetivos que, bem definidos, estimulam o processo de ensino-aprendizagem. Com efeito, o brincar proporciona vários benefícios na constituição da criança, proporcionando experiências que contribuirão para o futuro desenvolvimento dela.

O brincar está relacionado com a aprendizagem por sua própria natureza, pois quando a criança aprende o brincar está preparando-se para aprendizagens mais elaboradas posteriormente. Dessa forma, o lúdico torna-se um aliado no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. As próprias regras das brincadeiras também são uma preparação para a observação das demais regras (de convívio social, por exemplo) que surgirão ao longo da vida do ser humano.

Em um artigo da Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, intitulado “A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança”, que contém trechos de Lev Semionovitch Vygotsky e que compõem o texto do Capítulo 7, da segunda parte do livro “A formação Social da Mente”, encontramos ensinamentos importantes e gradativos com relação à brincadeira. Seguem: “Na brincadeira, a criança cria uma situação imaginária” (2008, p. 26). “A situação imaginária em si já contém regras de comportamentos (2008, p. 27)”. E para arrematar: “Qualquer brincadeira com situação imaginária é, ao mesmo tempo, brincadeira com regras e qualquer brincadeira com regras é brincadeira com situação imaginária” (2008, p. 28).

Essa tese é interessante para este trabalho porque demonstra claramente a importância das regras para as brincadeiras. A escolha de brincadeiras como forma de atuação lúdica para favorecimento ao respeito à diversidade e à inclusão em sala de aula, abarcando todos os alunos e com um olhar singular aos estudantes de comportamentos mais difíceis, foi uma opção acertada porque nas brincadeiras, as crianças respeitam as regras relacionadas. Nas brincadeiras, o que as

crianças vivenciam coincide com o real, é uma espécie de realização pela imaginação da realidade. É uma prática eficaz do respeito à determinantes que designam como deve ser o comportamento.

Na brincadeira, a criança também pode criar o seu próprio mundo. Não se trata de uma fuga da realidade, mas sim uma ação efetiva sobre os rumos desejados para a própria história. A partir da brincadeira, a criança pode mudar os rumos de uma situação que lhe foi desagradável e essa brincadeira pode servir como ensaio da própria realidade. Enquanto na brincadeira a criança também pode fazer as próprias regras, ela entende que as regras possuem sentido e precisam ser seguidas para que a brincadeira dê certo, assim, prepara-se para as regras que não serão construídas por ela mesma, mas que também deverão ser observadas.

A brincadeira sempre coloca a criança em uma situação além de seu costume. Quando joga, por exemplo, a criança esforça-se para vencer e aprende sobre dedicação, perseverança, recompensa etc. Quando perde, prepara-se para o entendimento de acontecimentos externos à sua vontade e tem a possibilidade de aprender com o que não foi desejado ou idealizado, mas que também oferece oportunidades de crescimento.

O lúdico também é importante pelo simples ato de brincar desinteressado da criança em uma situação de lazer. Contudo, para o processo ensino-aprendizagem, os objetivos das atividades lúdicas devem estar bem definidos e claros a todos os participantes. Por meio de uma boa organização, a atividade lúdica, dentro do contexto escolar, possibilitará o alcance de suas finalidades.

O entendimento da diversidade presente na escola, da necessária inclusão de todos e do potencial das atividades lúdicas orientaram meus estágios durante o curso de Pedagogia e orientaram as análises empreendidas nesta pesquisa. Por isso, desenvolvi trabalhos baseados em atividades lúdicas para o ensino do respeito, de uma boa convivência e da valorização da diversidade.

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA

Realizei este trabalho no último semestre de estágio do curso de Pedagogia, em 2012, na Escola Classe número 08 de Ceilândia. O projeto é resultado de pesquisas e práticas empreendidas ao longo dos semestres anteriores e teve o apoio de profissionais da escola e de professores do curso de Pedagogia. O projeto foi conduzido com os seguintes objetivos: o respeito à diversidade, a inclusão de alunos com necessidades de aprendizagem e de comportamento, a realização de atividades lúdicas para a valorização do respeito e da convivência em sala de aula.

2.1. CONHECENDO A ESCOLA CLASSE 08

A Escola Classe 08 de Ceilândia localiza-se na EQNN 05/07 da Ceilândia Norte – DF. Segue uma breve apresentação do Plano Político Pedagógico (PPP) da escola.

A comunidade escolar da Escola Classe 08 elaborou, a partir de diversas discussões e reflexões, a Proposta Pedagógica com o título “Família e escola: de mãos dadas em prol da educação”. Essa proposta foca em três objetivos essenciais que são: concepção de educação básica de qualidade como direito fundamental; respeito ao meio ambiente como compromisso com a qualidade de vida; fomento à cultura e à paz.

A Escola Classe 08 promove, por meio de suas ações, uma integração entre escola-família-sociedade, com a participação familiar e comunitária nas atividades desenvolvidas e a conscientização de todos para uma educação de qualidade. Tanto os coordenadores (Diretora; Vice-Diretora; Supervisora Pedagógica; Secretária), como os demais colaboradores administrativos trabalham em torno do PPP com o claro objetivo de promover a integração entre professores, alunos, pais e comunidade em geral.

A escola de Ceilândia inclui:

- Laboratório de Informática com 20 computadores.

- Sala de Leitura (Biblioteca) – Com 2 professoras e 4 servidores readaptados que são responsáveis pela organização e empréstimo dos livros, bem como o acompanhamento dos alunos na Biblioteca. Acervo – livros de literatura, português, matemática, estudos sociais, atlas geográfico, livros para recortes, revistas, jornais. Não há livros em braille na escola.

Direção (com a Supervisão Pedagógica e a Vice-Diretoria); Secretaria; Sala da Orientação; Sala do SEAA – Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem; Sala de Recursos; Sala de Coordenação Grande; Sala de Coordenação Pequena; Depósito; Sala de Refeição dos Professores; Sala dos Servidores e Mecanografia; Sala de Aula utilizada para Reforço e Vídeo.

Acessibilidade: rampas de acesso à escola, ao pátio, ao palco que fica no pátio e às quadra. Não possui banheiros adaptados.

2.2. O ENSINO DA ESCOLA

Há na escola 30 professores que atuam em sala de aula. A maioria dos professores são graduados em pedagogia e possuem especializações em gestão escolar, orientação ou psicopedagogia. A diretora e a vice-diretora também possuem formação em gestão escolar. A escola tem bom relacionamento com a comunidade escolar. O projeto político pedagógico prevê quatro encontros temáticos com a comunidade, inclusive de ação social, com esclarecimentos de todos em relação aos direitos e deveres de cada um.

As aulas acontecem nos turnos matutino e vespertino. Os alunos são recebidos na fila pelos professores e depois encaminhados para as suas salas. As aulas tem duração de 5 horas, divididas de acordo com o cronograma do professor. As aulas compreendem conteúdos de matemática, português, artes, geografia e história. Os alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), além de assistirem as aulas no horário regular, são atendidos em horário contrário na Sala de Recursos. O uso do uniforme é estimulado, mas não é obrigatório. As regras de conduta são estabelecidas em acordo com os alunos no início do ano, contudo, os horários de entrada, recreio e saída são necessariamente observados. Os alunos com indisciplina são encaminhados à direção da escola e os casos mais graves são comunicados aos pais, a partir daí a conversa acontece com o auxílio da orientadora e às vezes na sala de recursos. A organização do calendário cultural é discutida com os professores de forma coletiva, com o objetivo de envolver a comunidade e os professores. O conselho de classe é setorizado, com todos do primeiro ano, da pré-escola e sucessivamente, respeitando os turnos de cada setor.

Os professores do ensino fundamental elaboram as atividades diárias com base no currículo básico da educação, preparam suas aulas conforme o plano de aula e ajudam-se com trocas de ideias, estímulos à criatividade, apoio nas dificuldades. São adotadas pelos professores as coleções de livros didáticos enviados pela Secretaria da Educação que correspondem às idades e

séries dos alunos. Na escola, cada professor possui uma única turma, em regime de jornada ampliada. Os professores respeitam a metodologia do Bloco Inicial de Alfabetização - BIA, orientado pelo CRA, que atualmente possui uma sala na própria escola.

Projetos desenvolvidos na escola:

Caixa de Leitura – cada sala do ensino fundamental possui uma caixa de leitura com livros e recortes de texto para atividades de leitura em sala de aula. Esses alunos também podem pegar livros todos os dias na Biblioteca.

Reuniões pedagógicas:

Toda quarta-feira a escola se mobiliza para fazer uma coordenação coletiva, isto é, uma reunião geral onde é trabalhada a formação dos professores com temas específicos voltados à necessidade do grupo e da comunidade.

Formas de avaliação adotada pela escola:

Uma das formas de avaliação da escola é o teste da psicogênese da língua escrita, onde bimestralmente os professores podem avaliar o trabalho realizado. A escola também adota um simulado parecido com a Provinha Brasil, aplicado pela direção da escola, com vistas a avaliar o trabalho docente, atribuindo notas e premiando os melhores alunos.

Outras características importantes:

São utilizadas as áreas disponíveis para as atividades práticas da disciplina de educação física e também para as atividades de recreação e instalações esportivas (material esportivo). Há material didático existente, material adaptado, material didático específico para o ensino de conceitos matemáticos.

A escola possui um parquinho que atende a educação infantil e os alunos do primeiro ano do ensino fundamental. Tem uma quadra de esportes com o gol para os momentos de esporte e recreação. Há bolas de futebol, que ficam na direção da escola, e cordas. Na sala pequena de coordenação tem material dourado, alfabeto móvel, livros para recortes. Os professores de área específica não atuam como tal e sim como professores de atividades. O material adaptado fica a cargo de cada professor, enquanto os materiais específicos para o ensino de português e de matemática são individuais. Há também alguns materiais de fração (como o dominó de frações) que estão com a qualidade ruim.

2.3. UM POUCO SOBRE OS ESTUDANTES

A classe onde foram realizadas as atividades que são relatadas nesse trabalho foi de terceiro ano (turma F), pertencente ao Bloco Inicial de Alfabetização – BIA. Composta por 18 alunos, sendo 9 meninas e 9 meninos. A turma é de integração inversa, ou seja, reduzida. A redução da turma deve-se ao fato de 2 de seus alunos (1 menino e 1 menina) possuírem DI (deficiência intelectual). A aluna com DI é aqui identificada com o apelido de Lalá e o aluno como Kaká. A Lalá tem deficiência intelectual desde que nasceu, por isso, aprende ao seu tempo, não retém os conteúdos trabalhados na média dos demais estudantes. O Kaká também tem um ritmo menos acelerado com relação aos demais, mas mostra muito comprometimento com todas as tarefas que lhe são designadas.

A relação da professora com os alunos é carinhosa, e os alunos também retribuem o carinho da professora e a chamam de tia. Quando necessário, a professora é enérgica para educar seus alunos também em questões comportamentais.

Os estudantes são bastante agitados e a conversa é uma dificuldade combatida constantemente pela professora para que os alunos concentrem-se nos conteúdos. Portanto, a professora esforça-se para incutir o interesse em seus alunos pela educação.

Algumas mães dos estudantes são donas de casa, contudo, a profissão predominante entre as mães que trabalham é a de doméstica enquanto a profissão dos pais, em número expressivo, é a de pedreiro. No geral, os estudantes moram e estudam numa região da Ceilândia Norte que apresenta carência econômica e aspectos de violência.

2.4. A PROFESSORA

A professora da sala observada é graduada em Pedagogia. A professora é pontual, não esteve ausente em nenhum dos dias de estágio e não há histórico ou comentários de faltas da mesma.

A professora faz um cronograma semanal para o desenvolvimento dos conteúdos de cada disciplina. O planejamento das aulas é diário, conforme observado no caderno de atividades da professora. Além de elaborar o plano de aula diário em seu caderno, também registra no mesmo e no diário de classe as atividades diariamente concretizadas.

A professora considera as diretrizes pedagógicas ou currículo básico de educação para selecionar os conteúdos a serem desenvolvidos, contudo, orienta a sua atuação com base nas possibilidades de seus educandos, ou seja, a professora planeja, mas não se prende ao roteiro da aula, pois considera o ritmo de aprendizagem de seus alunos para avançar ou insistir em algum conteúdo.

2.5. O PROJETO

O projeto foi desenvolvido com a aplicação de atividades lúdicas, recriadas a partir de outras, para a promoção do respeito à diversidade e a inclusão em sala de aula. A professora responsável pela classe destinou momentos de sua aula para a realização exclusiva das atividades. Entre as dinâmicas realizadas, as atividades “Quem Planta Colhe” e “Batata Quente: Qualidades e Necessidades” foram desenvolvidas dentro da própria sala de aula das crianças, enquanto a dinâmica “Por que o Chocolate é Seu?” foi realizada na quadra da escola.

A escolha e readaptação das dinâmicas foram baseadas na possibilidade de aplicação das atividades com as crianças, no poder de transmissão das mensagens desejadas através das brincadeiras, no interesse das crianças em participar das mesmas. Também foram levados em conta os recursos e espaço necessários para as dinâmicas.

A primeira dinâmica, “Quem Planta Colhe”, foi recriada a partir de uma atividade denominada árvore dos valores. Essa atividade foi desenvolvida com o intuito de trabalhar palavras que designam valores, sentimentos e boas ações, a partir da conscientização das crianças sobre a responsabilidade de cada um na formação do meio no qual se vive. A dramatização da plantação da semente e a colheita do fruto estabelecem, ainda que de forma implícita, a relação que existe entre fazer o bem e colher o bem.

A segunda dinâmica, “Por que o Chocolate é Seu?”, descreve a justificativa e a entrega de um presente, que é um chocolate. Essa atividade foi repensada a partir de outra parecida, com o objetivo bem definido de mostrar às crianças que é necessário desejar o melhor não só para si, mas para o outro que tem motivos para merecer o melhor. Na atividade, cada criança escolheu outra que ainda não havia recebido o presente de ninguém, explicando o motivo da escolha, o porquê a criança foi escolhida para receber o chocolate.

A terceira dinâmica, “Bata Quente: Qualidade e Necessidades”, é uma outra versão do

já conhecido jogo da batata quente. Esta atividade não estabelecia prendas para quem ficasse com a batata quente, antes, previa o dever de cada um que ficasse com a batata em descrever a maior qualidade que possuía e em que precisava melhorar. Nessa dinâmica, a ideia era que cada um reconhecesse que possui qualidades e que também tem pontos a desenvolver, pois todos tem qualidades e também necessidades. Foi muito importante trabalhar por meio desta atividade a autoestima das crianças e o reconhecimento das próprias necessidades.

Além de conduzir as atividades, fiz observações e anotações durante e após a realização das mesmas, com o objetivo de registrar as participações e contribuições de cada um. Também para registro, fotografei as dinâmicas.

CAPÍTULO 3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1. ATIVIDADE - QUEM PLANTA COLHE

3.1.1. Construção da Atividade

Foram escolhidas palavras que designam valores, bons sentimentos e comportamentos adequados. Algumas palavras foram anexadas à balinhas e outras à pirulitos. As balinhas, com suas palavras anexas, foram identificadas como palavras sementes, que representavam a participação de cada um com a própria ação e comportamento. Os pirulitos, por sua vez, com suas palavras anexas, formaram as palavras frutos, com a demonstração das coisas boas que desejamos e geralmente necessitamos nos contextos sociais.

Foi confeccionada uma grande árvore de papel, pintada com cores alegres. As balinhas (palavras sementes) foram colocadas em um pote e os pirulitos (palavras frutos) foram colados na folhagem da árvore.

3.1.2. Desenvolvimento da Atividade

Cada criança pegou uma balinha e leu em voz alta a palavra anexa. Quando a palavra era incomum, fazia-se uma reflexão sobre o seu significado. Após cada criança pegar sua balinha (palavra semente), discutimos em grupo a necessidade dos valores/comportamentos/qualidades identificados naquelas balinhas para o desenvolvimento de cada um.

A árvore, com os seus pirulitos (palavras frutos), foi colada no quadro branco. Cada criança foi orientada a escolher o fruto que queria daqueles que estavam dispostos na árvore. Cada um escolheu e pegou o seu fruto e retornou ao seu lugar.

Após cada criança pegar o seu fruto, todos foram incentivados a refletirem sobre a possibilidade de alcançar aquele fruto a partir da implantação daquela semente, isto é, todos foram orientados a identificar a relação entre a palavra identificada como semente e a palavra identificada como fruto. Alguns alunos contribuíram em voz alta. E concluímos juntos que os valores, os bons comportamentos e sentimentos são doces como as balinhas e pirulitos, que são bons para cada um e para a formação de vida do contexto social.

Cada criança recebeu uma folha de papel e foi orientada a representar por meio de desenhos a sua ação de plantar aquela palavra e de obter aquele fruto escolhido. Após desenhar e pintar, cada um foi orientado a escrever as duas palavras em seu desenho e identificá-lo com o seu nome.

3.1.3. Conteúdos

Valores, comportamentos adequados, bons sentimentos.

3.1.4. Objetivos

Incentivar as crianças a refletirem sobre a necessidade de plantar boas sementes para colher bons frutos. Demonstrar a participação de cada um na construção do ambiente escolar, familiar e social. Possibilitar o reconhecimento das responsabilidades e das capacidades individuais dentro de um contexto grupal.

3.1.5. Metodologias

Representação, dinâmica, reflexão e discussão sobre as palavras que expressam ações individuais e alcançam consequências sociais, construção de desenhos e reescrita das palavras.

3.1.6. Momentos da Aula

Espaço exclusivo disponibilizado pela professora.

3.1.7. Recursos

Balinhas, pirulitos, árvore de papel, folhas de papel, lápis de cor.

3.1.8. Análise

A reflexão e discussão sobre algumas palavras incomuns possibilitou o desenvolvimento vocabular das crianças. As crianças demonstraram suas reflexões sobre as possibilidades de alcançar os frutos a partir da plantação e o cultivo das sementes. Foi interessante perceber que a dinâmica foi assimilada pelas crianças no sentido de ilustrar a necessidade das ações individuais para o desenvolvimento de todos e cada um, para a construção do contexto onde se deseja viver.

Essa atividade demonstrou a importância que o comportamento de cada um tem no universo em que estão inseridos, seja escolar, familiar ou social.

No desenho de um dos alunos, o fruto escolhido por ele foi o da dedicação. Isso mostra que o mesmo deseja dedicar-se, isto é, deseja empenhar-se para realizar bem as suas atividades. Como a palavra semente que o aluno tirou foi coragem, em seu desenho ele fez um sol parecendo um monstro, provavelmente, para demonstrar que precisava de coragem para enfrentar seus próprios medos.

Essa simples reflexão mostra como as crianças tem seus medos e aspirações, independentemente de suas dificuldades. O lúdico ilustra as situações de modo a serem vistas com uma percepção das necessidades e vontades das crianças, possibilitando ao educador um trabalho personalizado que alcance de forma eficaz o estudante que pode apresentar dificuldades comportamentais como reflexo de sua própria história ou para chamar a atenção para os seus valores, ainda que isso ocorra de uma maneira um tanto diferente do que é considerado padrão.

Uma das crianças desenhou flores e uma árvore repleta de frutos. Isso demonstrou que ela assimilou a ideia de plantação e colheita trabalhada na dinâmica. Outro ponto interessante foi a palavra que essa criança escolheu como fruto: tranquilidade. Além de outros significados, a palavra escolhida demonstra o desejo da estudante em realizar com tranquilidade suas atividades, seja porque enfrenta dificuldades por conta de suas necessidades ou porque deseja simplesmente mostrar que seu ritmo é tranquilo, é o seu modo de fazer e agir e pretende apenas ser reconhecido como tal.

3.1.9. Trabalho para Casa

As crianças foram orientadas a refletirem sobre a atividade, buscando em suas mentes as alternativas adequadas para plantar com as próprias ações a palavra interpretada como semente e também para criar alternativas a fim de alcançar a palavra entendida como fruto.

3.1.10. Observações

Foi muito interessante ouvir as percepções das crianças sobre os valores trabalhados e a conclusão das mesmas sobre a possibilidade e necessidade de plantar coisas boas. As crianças perceberam que devem agir da melhor forma possível para colherem os bons frutos, os valores e ações importantes em todo o contexto social.

3.1.11. Anexos

Lista de palavras e fotos.

3.2. ATIVIDADE – POR QUE O CHOCOLATE É SEU?

3.2.1. Construção da Atividade

Uma caixa de bombons foi aberta e cada criança foi orientada a escolher um bombom. Sem saberem, depois, deveriam dar de presente o bombom escolhido para outro(a) colega, que também seria escolhido.

3.2.2. Desenvolvimento da Atividade

Cada uma das crianças escolheu o bombom de acordo com o seu interesse. Após pegarem cada um o próprio bombom, foram orientadas a escolherem um(a) colega para ofertar o bombom, explicando em voz alta o motivo da escolha e sem repetir colegas já escolhidos. A brincadeira começou com uma criança que, ao final, recebeu o bombom do último colega que também explicou porque lhe daria o presente. Dessa forma, ninguém ficou sem bombom e nem sem reconhecimento, pois cada um que recebia de alguém o bombom ouvia o motivo pelo qual havia sido escolhido. Nem mesmo o último a receber o bombom ouviu algo do tipo “estou escolhendo você por falta de opção”. As crianças descreveram os seguintes motivos das escolhas dos colegas: porque é meu amigo ou minha amiga, porque gosto dele(a), porque é legal, etc.

3.2.3. Conteúdos

Possibilitar a oferta ao outro do que é desejado para si. Incentivar o reconhecimento das qualidades de cada um, mesmo que o outro não esteja tão próximo no dia a dia.

3.2.4. Objetivos

Demonstrar como devemos desejar o melhor para os outros e não só para nós mesmos. Possibilitar o reconhecimento das qualidades do outro, sabendo que todos possuem qualidades.

3.2.5. Metodologias

Dinâmica em grupo, reflexão.

3.2.6. Momentos da Aula

Espaço exclusivo disponibilizado pela professora.

3.2.7. Recursos

Bombons, espaço adequado.

3.2.8. Análise

As crianças não tiveram dificuldades de escolher alguém para ofertar o próprio bombom. Mesmo quando a quantidade de crianças que ainda não havia recebido o bombom era pequena, prontamente a criança da vez escolhia um(a) dos colegas e informava com tranquilidade o motivo da escolha. Foi muito importante perceber que, independente do número de colegas disponíveis, as crianças não apresentaram dificuldades para reconhecer qualidades nos que estavam

disponíveis. Isso foi importante para as crianças descreverem qualidades de crianças que possivelmente não lhes eram tão próximas no dia a dia e foi importante para as crianças que foram reconhecidas pelo colega publicamente e receberam por isso o presente bombom. Esse reconhecimento do outro favorece a convivência baseada no respeito, deixando claro que todos tem qualidades, que todos podem ser bem reconhecidos pelos outros, aceitos e estimados.

3.2.9. Trabalho para casa

Reflexão sobre a importância do outro.

3.2.10. Observações

Nenhuma das crianças recusou-se a dar o bombom a outra e nenhuma ficou sem bombom ao final da dinâmica. Nem mesmo a última criança a receber o seu bombom enfrentou dificuldades por parte do colega para o reconhecimento de suas qualidades e de seu merecimento ao presente.

3.2.11. Anexos

Fotos.

3.3. ATIVIDADE – BATATA QUENTE: QUALIDADES E NECESSIDADES

3.3.1. Organização da Atividade

Em uma bolsinha foram colocadas algumas balinhas.

3.3.2. Desenvolvimento da Atividade

As crianças foram convidadas a se sentarem no chão, formando um círculo.

Refletimos e discutimos o que significa uma qualidade humana e se todos possuem qualidades. Também conversamos sobre a necessidade constante do ser humano de melhorar.

Após as reflexões e discussões, as crianças foram orientadas a passar de mão em mão a bolsinha que tinha uma surpresa dentro, enquanto tocava uma música no som da professora Maria (o tempo da música era comandado pela própria professora). Quando a música parava de tocar, aquele que estava com a bolsinha devia falar a sua maior qualidade (o que mais gostava em si mesmo, por exemplo) e uma característica que precisava mudar (ou melhorar). Aquele que cumprisse o combinado, poderia pegar tudo que estivesse dentro da bolsinha.

As crianças empolgaram-se durante a passagem da bolsinha. Quando eu falava que não sabia se tinha um número suficiente de balinhas para todos, aí que as crianças demonstravam mais interesse em participar da dinâmica. Foi muito divertido. Todas participaram espontaneamente e ganharam suas balinhas.

3.3.3. Conteúdos

Entendimento que todos os seres humanos possuem qualidades e que tem necessidades de melhorias, sem exceção.

3.3.4. Objetivos

Incentivar a reflexão das crianças sobre suas próprias qualidades e o reconhecimento das características que precisam melhorar.

3.3.5. Metodologias

Reflexão e dinâmica em grupo, músicas, movimentos.

3.3.6. Momentos da Aula

Espaço exclusivo disponibilizado pela professora.

3.3.7. Recursos

Balinhas, som.

3.3.8. Análise

Todas as crianças afirmaram individualmente suas principais qualidades e os pontos nos quais precisavam melhorar. Muitas responderam que deveriam ter mais dedicação nos estudos, ajudar em casa e comportar-se melhor. Foi muito enriquecedor ver as crianças falando de suas qualidades e necessidades.

3.3.9. Trabalho para casa

Fixarem em suas mentes que cada um possui muitas qualidades e que todos precisam sempre melhorar em algum aspecto. Que ninguém é perfeito e ninguém está desprovido de qualidades.

3.3.10. Observações

Um dos alunos que apresenta dificuldades comportamentais afirmou no início da atividade que não possuía qualidades. Nesse momento, refleti sobre a importância desse singular trabalho que realizei. Não era coincidência o aluno de pior comportamento achar que não possuía qualidades, aí estava a razão de sua dificuldade de socialização e respeito às regras. Então eu disse a ele que todos nós tínhamos qualidades. Lembrei que já havia visto ele dançando hip-hop e como tinha jeito para aquilo. Então disse a ele: já te vi dançar hip-hop e você dança bem, eu também gosto de hip-hop! Então ele demonstrou muita empolgação para participar dessa atividade. Quando chegou a sua vez de falar sobre suas qualidades, pedi que falasse outra qualidade, diferente da dança. Ele conseguiu. Percebeu que tinha qualidades sim e também reconheceu que precisava comportar-se melhor. Considerei essa atividade uma verdadeira vitória do projeto, pois queria alcançar e incluir essas crianças com necessidades comportamentais, tanto quanto as crianças com necessidades de aprendizagem, sendo que essas últimas não apresentavam dificuldades de socialização.

Essa atividade nos possibilita refletir sobre o ensinamento de Paulo Freire sobre a necessidade do ser humano reconhecer-se como inconcluso e em permanente movimento em busca de ser mais, sobre a educação como manifestação exclusivamente humana e a sua necessidade de ser um que-fazer permanente.

Essa simples dinâmica demonstrou essa inconclusão humana nas crianças e a necessidade de reconhecer o que melhorar e como melhorar. Apesar de se tratar de uma brincadeira, a atividade mostrou seriamente o papel da educação de auxiliar o ser humano a reconhecer-se em suas características e suas responsabilidades dentro de sua realidade em desenvolvimento.

Também como Freire no ensinou, “A educação se refaz constantemente na praxis, para ser, tem que estar sendo” (FREIRE, 1987, p. 42). Tal afirmação nos mostra a importância da educação relacionar-se com a realidade vivida pelos educandos, sua importância em demonstrar a esses educandos suas atuações responsáveis para a transformação da própria realidade, a dinâmica e a constância de sua ação.

Reflico se os rumos dessa atividade teriam sido os mesmos se tivesse desconsiderado o comentário do aluno sobre não possuir qualidades. Penso ainda se o seu envolvimento teria sido o mesmo caso eu não tivesse citado a observação que fiz do seu jeito de dançar hip-hop (nesse momento, fiz referência à cultura local, trouxe para a atividade a realidade cultural do estudante). Reafirmo o papel sensível do professor para a realização de seu trabalho, a consideração das singularidades de seus educandos, a abertura aos mesmos para a atuação consciente da educação.

3.3.11. Anexos

Fotos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do professor ultrapassa o conhecimento e a transmissão de conteúdos. Ser professor é ter um olhar sensível às necessidades de seus alunos. Essa sensibilidade pode ser aprendida, pode ser aperfeiçoada, mas parte dela parece estar unida ao desejo de ser professor que muitos de nós sente ou já sentiu e que foi decisivo na escolha de uma profissão da área educacional.

A sensibilidade diante das necessidades do aluno pode ultrapassar conhecimentos importantes sobre aspectos do desenvolvimento humano, didática, conceitos e etc. A prova disso é a existência de professores em recantos de nosso país que nem sequer concluíram o ensino tradicional, mas sabem como ninguém ensinar o que sabem ao seus alunos. De outro lado, são indispensáveis os conteúdos estudados ao longo de uma formação profissional, principalmente na área educacional, entretanto, tenho a sensação de que esse olhar de educador, sensível às necessidades de seus alunos, está unido, ainda que bem timidamente, ao desejo de ser educador.

É dentro desse desejo de fazer pelo aluno o que nos é possível, alcançá-lo com o que ele precisa aprender e não simplesmente com conteúdos determinados, que o lúdico exerce papel fundamental. O lúdico é essa forma de ação que ultrapassa o papel do mestre detentor e transmissor de conhecimentos permitindo-lhe transcender para uma realidade que lhe permite chegar ao seu aluno, seja para falar de conteúdos definidos pelo sistema educacional, seja para tratar de valores, de formas adequadas de comportamento, de respeito à diversidade, de valorização da autoestima, de inclusão sem barreiras etc. Não se trata de simplesmente conseguir transmitir a mensagem ou o conteúdo ao aluno, é também participar junto com ele de suas atividades, é promover diversão sem prejuízo de suas necessárias responsabilidades, é chegar no aluno para, se necessário, mudar a sua situação que impede o seu desenvolvimento.

O desenvolvimento que o lúdico possibilita ultrapassa mesmo as condições da criança no ambiente escolar, pois favorece uma situação para além de sua realidade e lhe possibilita, se for bem direcionado, a mudança de sua própria realidade. Para tanto, a figura do professor é indispensável como nos ensinou Paulo Freire, enquanto mediador na construção do conhecimento pelo próprio aluno. Enquanto media o processo de ensino e aprendizagem, ensina e ao mesmo tempo aprende.

Não desejo, com esse trabalho, defender o lúdico como a ferramenta mágica para salvar

as crianças de suas dificuldades ou libertá-las da dureza da simples transmissão de conteúdos que muitas vezes as oprime dentro da escola. Não pretendo esvaziar a riqueza da ludicidade. Meu desejo é deixar claro, como percebi a partir de meu desejo pela área educacional, o quanto o lúdico pode ser parceiro do professor em sua atuação profissional, em seu desenvolvimento humano, em sua realidade de mediador do desenvolvimento de outros.

Foi com essa perspectiva que de fato consegui alcançar, a partir de atividades lúdicas, baseadas em outras existentes, mas com uma dose de criatividade dada por mim mesma, os alunos que desejei, quando comecei a trabalhar no projeto. Com o lúdico, enxerguei que crianças com necessidades educacionais especiais têm facilidades em atividades que para as demais não são tão simples. Com o lúdico, escutei daqueles alunos que atrapalhavam as aulas com o seu comportamento o quanto sentiam vontade de melhorar, a carência que tinham de enxergar suas próprias qualidades, a dureza de seu dia a dia como explicação para sua forma de agir. Tudo isso confirmou que o lúdico é uma atuação eficaz para trabalhar a diversidade e a inclusão em sala de aula, significativo tanto para mim quanto para os professores que encontrei durante a realização do projeto e os que apoiaram o mesmo, significativo ainda, para as crianças com as quais trabalhei.

Dentro do universo diverso que é o humano, aprendi que a atuação do professor deve ser diversa também. A inclusão, por sua vez, é um imperativo dentro da educação. Foi por meio do lúdico em sala de aula que pude trabalhar com eficácia o respeito à diversidade e a inclusão. Esse trabalho é prova desse olhar sensível às necessidades do outro, é uma criativa forma de envolver as crianças para que elas trabalhem o respeito à diversidade e a inclusão dentro de seu ambiente escolar. E para completar, o que foi trabalhado na escola, de uma forma ou de outra refletirá no ambiente familiar e social das crianças. Além disso, ajudou-me enquanto pedagoga, pois certamente aperfeiçoou o meu olhar para a educação e minha sensibilidade diante das necessidades dos outros.

REFERÊNCIAS

BULGARELLI, Reinaldo. Educação Inclusiva: Inclusão e Diversidade. BengalaLegal, Rio de Janeiro, mai. 2011. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/inclusao-e-diversidade>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

FREIRE, P. (1970). Pedagogia do Oprimido. 17ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107 p.

JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; BARRETO, M. A. S. C.; VICTOR, S. L. (Org.). (2007). Inclusão: Práticas Pedagógicas e Trajetórias de Pesquisa. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009. 304 p.

ARANTES, V. A. (Org.). Inclusão Escolar: Pontos e Contrapontos. São Paulo: Editora Summus, 2006. 103 p.

ANDRÉ, M. (Org.). (1999). Pedagogia das Diferenças na Sala de Aula. 9ª Edição. Editora Papirus, 2008. 152 p.

VIGOTSKI, L. S. (2008). A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, ISSN: 1808-6535, p. 23-36, junho 2008.

ANEXOS

1. ATIVIDADE - QUEM PLANTA COLHE

1.1. Palavras sementes e palavras frutos utilizadas

Amor / Amizade / Comportamento / Perdão / Disciplina / Tranquilidade / Bondade / Sinceridade / Desenvolvimento / Respeito / Carinho / Disponibilidade / Dedicção / Igualdade / Comprometimento / Verdade / Habilidade / Responsabilidade / Coragem / Humildade / Solidariedade / Vontade / Caridade / Conhecimento / Obediência / Gratidão / Fraternidade / Educação / Criatividade / Reconhecimento.

1.2. Fotos



Palavras Sementes



Palavras Frutos



Escolhendo a Palavra Fruto



Desenhando_I



Desenhando_II

2. ATIVIDADE – POR QUE O CHOCOLATE É SEU?

2.1. Fotos



Explicando o Motivo do Presente_I



Explicando o Motivo do Presente_II



Recebendo o Chocolate



Ofertando o Chocolate

3. ATIVIDADE – BATATA QUENTE: QUALIDADES E NECESSIDADES

3.1. Fotos



Brincando_I



Brincando II



Brincando_III



Brincando_IV



*Descrevendo a Maior Qualidade e em quê
Precisa Melhorar*

PARTE III. PROSPECÇÃO PROFISSIONAL FUTURA

1. AMBIENTE PARA A AÇÃO PEDAGÓGICA FUTURA

Instituições de Ensino Públicas ou Privadas

2. PROPOSTA DE AÇÃO

Atendimento especializado à estudantes com dificuldades de aprendizagem, apoio à professores para o desenvolvimento de sua atuação docente.

3. BASE DA PROPOSTA

Identificação e aplicação de procedimentos que atendam ao princípio da psicologia que estabelece que a atenção é mais intensa e permanece por mais tempo quando o professor utiliza vários recursos para manter o estudante atento, aumentando assim as possibilidades de assimilação;

Aplicação do princípio de Freire sobre o papel ativo do estudante no processo ensino-aprendizagem.

4. OBJETIVOS DO TRABALHO PEDAGÓGICO

A) Atendimento especializado individual aos estudantes com dificuldades de aprendizagem ou a grupos de estudantes com necessidades de aprendizagem semelhantes (déficit de atenção; falta de motivação para os estudos e/ou a escola; dificuldades momentâneas ou específicas de determinados conteúdos; etc). O atendimento será personalizado, a partir da identificação das maneiras mais adequadas para reter a atenção de cada estudante e mediar sua ação na construção do conhecimento desejado.

B) Apoio pedagógico especializado a professores, de forma individual ou em grupo, com a demonstração da importância do papel do professor enquanto mediador do processo ensino-aprendizagem, a fim de potencializar a sua ação docente para o alcance dos objetivos da educação. Esse atendimento será baseado em orientações da pedagogia e da psicologia; no ensino de atividades lúdicas e trabalhos manuais para o desenvolvimento de conteúdos com a participação ativa (e interessada) dos estudantes; na demonstração da importância dos recursos tecnológicos tanto para o desenvolvimento do professor quanto para o apoio às atividade de ensino-aprendizagem desenvolvidas em sala de aula.

5. SITUAÇÃO ATUAL

Não trabalho diretamente com educação. Minha experiência constitui-se de atuações em estágios realizados em escolas públicas para atendimento às exigências de minha formação. Nos meus estágios, sempre olhei de modo especial para as situações de aprendizagem específicas, decorrentes de dificuldades de aprendizagem ou comportamentais, onde percebi que na maior parte das vezes, essa segunda modalidade de dificuldades está relacionada às histórias de vida conturbadas e falta de interesse dos estudantes pela educação e/ou escola.

Também já trabalhei com aulas de reforço para uma estudante com dificuldades de atenção e conseqüentemente de assimilação de conteúdos. Realizei um ensino personalizado, baseado numa forma de falar e de demonstrar os conteúdos mediando os seus estudos para a construção de seu próprio conhecimento. Várias vezes a estudante informou que não conseguia entender os conteúdos ensinados na sala de aula, provavelmente porque a atividade docente é costumeiramente desenvolvida de forma padrão para alunos que possuem singularidades. A escola onde a aluna estudava não era pública, era privada e com um ótimo conceito. Verifica-se dessa forma que o apoio à atividade docente é uma necessidade nas diferentes instituições de ensino.

6. PERSPECTIVAS FUTURAS DE FORMAÇÃO E OBJETIVOS

Pretendo as seguintes formações: Pós-Graduação em Psicopedagogia; Curso de Extensão em Artes Plásticas ou Cênicas; Extensão para o ensino de Informática.

Pretendo atuar como Pedagoga e Psicopedagoga. Como meu foco é a identificação de caminhos que viabilizem a aprendizagem de estudantes, seja no trabalho direto com os estudantes ou no apoio à atividade de ensino dos professores, considero indispensável a Pós em Psicopedagogia para acrescentar à minha formação pedagógica os conhecimentos indispensáveis da Psicologia.

Como o foco é tornar o ensino interessante para prender a atenção dos estudantes e mediar sua atuação no processo ensino-aprendizagem, desejo fazer um curso de extensão em artes plásticas e/ou cênicas para a utilização dos trabalhos manuais e das dramatizações como apoio ao desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo, social e de outros importantes aspectos humanos. As artes oferecem suporte no desenvolvimento do lúdico e este é eficaz no estímulo à atenção e à participação dos estudantes.

Por fim, pretendo utilizar as possibilidades dos recursos informáticos para apoiar o processo ensino-aprendizagem e a formação docente.

Dessa forma, seguirei minha formação e atuação com base nos conceitos da Pedagogia e da Psicologia, apoiando o meu trabalho nas possibilidades das Artes e da Informática. Apesar da audácia, confesso que é essa a atuação que corresponde às minhas aspirações.